

MILAGRES: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA

Ceticismo, Ciência, Religião e Maçonaria

Trabalho no Grau de Aprendiz Maçom - Versão 1.04

AUTOR: José Roberto Schmaltz – M.:I.:, CIM: 2129
schmaltzodb@gmail.com

GRANDE ORIENTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Ben.: Cinq.: Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Conquista e Integração nº 8.
Rito Escocês Antigo e Aceito
Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Acadêmica François Marie Arouet nº 101
Loja de estudos - Rito Escocês Antigo e Aceito

1. PRÓLOGO

O conceito de milagre tem intrigado a humanidade ao longo da história, gerando debates intensos entre diferentes correntes de pensamento. Para muitos, os milagres são manifestações diretas de uma força divina, uma intervenção sobrenatural em um mundo governado por leis naturais. No entanto, a visão de que o universo opera de maneira ordenada, segundo princípios científicos, desafia a compreensão tradicional de milagres, especialmente à luz do pensamento filosófico e cético. O questionamento sobre a possibilidade ou impossibilidade de eventos miraculosos levanta questões fundamentais sobre a natureza da realidade, o papel da ciência na explicação do mundo, e a legitimidade das crenças religiosas que os defendem.

Os céticos adotam uma postura racionalista, rejeitando a noção de milagres como violações das leis naturais. Para alguns filósofos, os milagres são eventos extremamente improváveis, cuja evidência geralmente não resiste ao escrutínio racional. Argumentam que a crença em milagres é frequentemente resultado de testemunhos emocionais ou enganosos, que não devem ser aceitos sem evidências claras e indiscutíveis. Por outro lado, a ciência moderna oferece explicações naturais para fenômenos que outrora poderiam ter sido considerados milagrosos, reforçando a ideia de que a natureza segue leis universais e previsíveis. Neste sentido, os milagres são frequentemente vistos com ceticismo, uma vez que a ciência assume que o mundo natural opera de acordo com regras imutáveis. No entanto, a ciência, em sua essência, não nega a possibilidade de eventos extraordinários, mas busca explicá-los através de causas naturais ainda desconhecidas.

Do ponto de vista das religiões, os milagres ocupam uma posição central em muitas tradições, sendo vistos como sinais da presença de um poder superior. Para os cristãos, por exemplo, os milagres de Jesus Cristo são entendidos como provas da sua divindade e da intervenção de Deus no mundo. No islamismo, o Alcorão é considerado o maior milagre, enquanto no espiritismo, fenômenos extraordinários podem ser atribuídos a causas espirituais, como a ação de espíritos desencarnados. Nesse contexto, o milagre é interpretado como uma confirmação da fé e um veículo de transformação moral e espiritual.

E se houvesse outra abordagem para os milagres não necessariamente como violações das leis naturais, mas sim como manifestações de leis universais que a ciência humana ainda não compreende completamente?

Nesse contexto, o conceito de milagre seria entendido como um fenômeno natural controlado por forças superiores, sejam divinas ou pertencentes a uma realidade transcendente, e que se manifestam de acordo com princípios que vão além do conhecimento atual da ciência. Muitos dos fenômenos vistos como milagres poderiam ser explicados por leis relacionadas à interação entre diferentes dimensões da existência, como a mente influenciando a matéria ou intervenções de forças superiores em processos de cura e transformação. Assim, em vez de contradizer a ciência, os milagres poderiam ser vistos como sinais de que o universo é mais vasto e complexo do que as teorias científicas atuais alcançam, apontando para a existência de dimensões da realidade que ainda precisam ser descobertas e compreendidas, preservando uma harmonia entre a fé e a razão.

Esse trabalho, propõe: a) examinar os milagres sob estas quatro perspectivas distintas: (1) o ceticismo, que questiona sua validade; (2) a ciência, que busca explicações naturais para as coisas baseada na experimentação e provas concretas de acordo com as Leis da matéria; (3) as religiões, que os acolhem como provas de intervenção divina; (4) e como um fenômeno natural controlado por forças superiores, sejam divinas ou pertencentes a uma realidade superior. b) Fazer uma análise de pontos e contrapontos das propostas e buscar um caminho de conciliação. c) Visão maçônica sobre os milagres.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O CETICISMO

O ceticismo é uma corrente filosófica que, de maneira ampla, propõe a suspensão do juízo em relação à verdade de determinadas afirmações, questionando a possibilidade de se alcançar conhecimento absoluto. Fundamentado na dúvida sistemática, o ceticismo desafia a validade das crenças humanas e a capacidade de se obter certeza sobre o mundo. Em sua forma mais radical, o ceticismo defende que é impossível saber algo com certeza, enquanto abordagens mais moderadas sugerem que a dúvida é uma ferramenta essencial para se aproximar do conhecimento. Ao longo da história, o ceticismo desempenhou um papel crucial na formação de diversas escolas de pensamento e influenciou profundamente a filosofia ocidental, especialmente no que diz respeito à epistemologia¹ e à metodologia científica².

As origens do ceticismo³ remontam à Grécia Antiga, onde duas tradições principais surgiram: o *ceticismo pirrônico* e o *ceticismo acadêmico*. O ceticismo pirrônico, fundado por *Pirro de Élis*⁴, (360 AC - 270 AC) propunha a suspensão total do julgamento (*epoché*) como caminho para a paz de espírito, ao afirmar que não se pode afirmar nada com certeza. Os pirrônicos defendiam que a investigação contínua sobre a verdade, sem o compromisso de se chegar a conclusões definitivas, era o único caminho para evitar a frustração causada pela busca de respostas que, em última análise, são inalcançáveis. Por outro lado, o ceticismo acadêmico⁵, desenvolvido na Academia de Platão por *Arcesilau*⁶ (316 AC - 274 AC) e *Carnéades*⁷ (214 AC - 129 AC) sustentava que, embora o conhecimento absoluto fosse inatingível, era possível alcançar graus de plausibilidade, permitindo uma forma prática de agir no mundo, mesmo sem certezas definitivas.

O ceticismo foi amplamente redescoberto durante o Renascimento e, posteriormente, na modernidade, por filósofos como *Michel de Montaigne*⁸ (1533 – 1592), *René Descartes*⁹ (1596 – 1650) e *David Hume*¹⁰ (1711 – 1776). Montaigne adotou uma postura cética em seus Ensaaios, argumentando que a fraqueza das capacidades humanas de raciocínio nos obriga a aceitar nossa ignorância sobre muitas questões. Descartes, por sua vez, utilizou o ceticismo como um método

¹ Epistemologia, em sentido estrito, refere-se ao ramo da filosofia que se ocupa do conhecimento científico; é o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, com a finalidade de determinar seus fundamentos lógicos, seu valor e sua importância objetiva. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epistemologia> Acesso em 22/10/2024.

² O método científico refere-se a um conjunto de regras básicas dos procedimentos que produzem o conhecimento científico, quer um novo conhecimento, quer uma correção ou um aumento na área de incidência de conhecimentos anteriormente existentes. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Método_científico Acesso em 22/10/2024.

³ CETICISMO. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ceticismo> Acesso em 15/10/2024

⁴ PIRRO DE ÉLIS. Foi um filósofo grego, nascido na cidade de Élis, considerado o primeiro filósofo cético e fundador da escola que veio a ser conhecida como pirronismo. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pirro_de_Élis Acesso em 15/10/2024

⁵ CETICISMO ACADÊMICO. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ceticismo_acadêmico Acesso em 15/10/2024

⁶ ARCESILAU. Foi o primeiro acadêmico a adotar uma posição de ceticismo filosófico, isto é, ele duvidava da capacidade dos sentidos para descobrir a verdade sobre o mundo, embora possa ter continuado a acreditar na existência da própria verdade. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arcesilau> Acesso em 15/10/2024

⁷ CARNÉADES. Foi um cético radical e o primeiro filósofo a apontar o suposto fracasso dos metafísicos, que pretendiam encontrar um significado racional nas crenças religiosas. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carnéades> Acesso em 15/10/2024

⁸ MONTAIGNE. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne Acesso em 15/10/2024

⁹ RENÉ DESCARTES. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/René_Descartes Acesso em 15/10/2024

¹⁰ DAVID HUME. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Hume Acesso em 13/10/2024

para alcançar a verdade. Em suas *Meditações Metafísicas*¹¹, Descartes começou questionando a veracidade de todas as suas crenças, até mesmo as percepções mais básicas, para verificar se haveria algo que pudesse resistir à dúvida. Esse processo culminou em sua famosa afirmação "*Cogito, ergo sum*" ("*Penso, logo existo*"), uma tentativa de encontrar uma verdade inegável que pudesse servir como base para o conhecimento.

David Hume, um dos mais influentes céticos modernos, em sua obra *Investigações Sobre o Entendimento Humano*¹², questionou a validade da indução e nossa confiança na causalidade, afirmando que a crença em conexões causais é uma expectativa criada pela experiência, mas não uma certeza racional. O trabalho de Hume no campo do ceticismo epistemológico teve um impacto profundo na filosofia da ciência¹³ e no empirismo¹⁴.

No ceticismo contemporâneo desafia-se a ideia de que o conhecimento pode ser fundamentado de maneira absoluta ou infalível. Filósofos contemporâneos céticos frequentemente argumentam que toda crença está sujeita a revisão ou questionamento, já que o conhecimento é construído em contextos históricos, sociais e linguísticos, o que o torna inerentemente instável. Diferentemente do ceticismo antigo, que também envolvia questões éticas e de vida prática, o ceticismo contemporâneo se concentra na epistemologia, ou seja, na teoria do conhecimento.

Nele a dúvida é usada mais como uma ferramenta metodológica do que como uma posição dogmática. Em vez de afirmar que nada pode ser conhecido, o cético moderno propõe que devemos estar sempre dispostos a reavaliar nossas crenças à luz de novas evidências ou argumentos. Não nega o conhecimento de forma absoluta, mas aponta suas limitações, falhas e incertezas, promovendo uma atitude de humildade epistêmica. Ele desafia as pretensões de objetividade e universalidade, enfatizando o caráter contingente e contextual de toda crença, destacando a importância de uma investigação constante e crítica sobre nossas crenças e pressupostos. Vejamos o que preleciona alguns filósofos contemporâneos:

Richard Rorty¹⁵, um filósofo americano, rejeitou a ideia de que a filosofia pode oferecer uma base segura para o conhecimento e argumentou que todas as crenças são contingentes e sujeitas a mudanças. Rorty defendeu que a verdade é uma construção social e que o conhecimento é uma prática baseada em conversação e não em representações objetivas da realidade.

Stanley Louis Cavell¹⁶, outro filósofo americano, explorou o ceticismo de uma maneira mais existencial, focando na ideia de que a dúvida cética reflete uma condição humana inerente de separação e incerteza em relação ao mundo. Para ele, o ceticismo não é apenas uma teoria do conhecimento, mas uma expressão de um conflito fundamental na nossa experiência de estar no mundo.

¹¹ DESCARTES, René. Descartes e a metafísica das meditações, versão eletrônica. Tradução: Rafael Teruel Coelho. Editora: Paulus, 2023. Fonte: <https://deg.paulus.com.br/7282.pdf> Acesso em 15/10/2024

¹² HUME, David. Investigações sobre o entendimento humano, Versão eletrônica do livro Tradução: Anoar Aiex. Créditos da digitalização: Acrópolis (Filosofia) <https://docentes.ifrn.edu.br/rodrigovidal/disciplinas/epistemologia-da-ciencia-2012.2/texto-de-david-hume-investigacao-acerca-do-entendimento-humano/view>

¹³ A filosofia da ciência é o campo de estudos filosóficos focado na compreensão, no questionamento e no aprimoramento dos processos e métodos científicos, buscando sempre garantir os fundamentos para que o trabalho científico ocorra da melhor forma, proporcionando um conhecimento que seja indubitavelmente confiável. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_da_ciencia Acesso em 22/10/2024.

¹⁴ EMPIRISMO. Na filosofia, o empirismo é uma teoria do conhecimento que afirma que o conhecimento sobre o mundo vem apenas da experiência sensorial; é a experiência do real. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Empirismo> Acesso em 22/10/2024.

¹⁵ RICHARD RORTY. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Rorty Acesso em 20/10/2024.

¹⁶ STANLEY LOUIS CAVELL. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_Cavell Acesso em 20/10/2024.

Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé¹⁷, filósofo brasileiro, é mais conhecido por seu trabalho no campo da filosofia da religião, ética e crítica cultural. Contudo ele adota um ceticismo existencial em suas análises. Pondé questiona frequentemente as certezas modernas, sejam elas científicas, políticas ou religiosas, e explora a incerteza e a fragilidade da condição humana em seus escritos. Ele critica a ideia de progresso moral e social absoluto, bem como as promessas utópicas da modernidade, mantendo uma postura cética em relação à capacidade humana de alcançar um conhecimento pleno ou uma sociedade perfeita.

2.2. MILAGRES À LUZ DA CIÊNCIA

A questão dos milagres, à luz da ciência moderna, é geralmente tratada como um fenômeno que desafia as leis naturais e, portanto, deve ser explicado por meio de causas naturais ainda não compreendidas ou descartado como resultado de interpretações equivocadas ou ilusões. A ciência moderna baseia-se em uma abordagem empírica¹⁸, fundamentada na observação, experimentação e formulação de leis que descrevem o comportamento do universo de forma previsível. Nesse contexto, os milagres – entendidos como intervenções sobrenaturais que violam as leis da natureza – são frequentemente vistos com ceticismo, uma vez que a ciência assume que o mundo natural opera de acordo com regras imutáveis.

David Hume, um dos filósofos mais influentes no debate sobre milagres, abordou o tema em seu ensaio *Of Miracles*, parte de sua obra *Investigação Sobre o Entendimento Humano*¹². Hume argumenta que um milagre, definido como uma violação das leis da natureza, é algo tão improvável que a evidência a seu favor nunca poderia ser suficiente para superá-lo. Ele sugere que é mais racional acreditar que qualquer relato de milagre é resultado de engano, erro de percepção ou exagero, em vez de aceitar que uma lei natural tenha sido realmente violada. Para Hume, a evidência da regularidade das leis naturais é sempre mais forte do que qualquer testemunho a favor de um milagre, tornando a crença em milagres irracional.

Bertrand Russell¹⁹, outro filósofo importante do século XX, compartilha uma visão semelhante sobre os milagres. Em seu livro *“Por Que Não Sou Cristão”*²⁰, argumenta que a ciência não pode acomodar milagres, pois eles pressupõem que as leis da natureza possam ser suspensas ou alteradas. Ele afirma que, enquanto a ciência opera sob o princípio de que as leis naturais são universais e imutáveis, aceitar milagres implicaria que essas leis podem ser arbitrariamente violadas. Russell também enfatiza a necessidade de provas rigorosas e empíricas para acreditar em alegações extraordinárias, algo que os milagres, segundo ele, não podem fornecer.

Do ponto de vista da ciência contemporânea, Richard Dawkins²¹, um biólogo evolucionista e crítico do sobrenatural, discute os milagres em *“The God Delusion”* (Deus, um Delírio no Brasil). Dawkins afirma que a ciência oferece explicações naturais para muitos fenômenos que antigamente eram considerados milagrosos, como curas súbitas ou eventos meteorológicos extremos. Ele defende que a ciência não pode, por definição, comprovar ou refutar eventos sobrenaturais, mas que as evidências disponíveis sempre apontam para explicações naturais, sem a necessidade de invocar intervenções divinas.

¹⁷ LUIZ FELIPE DE CERQUEIRA E SILVA PONDÉ. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Felipe_Pondé Acesso em 20/10/2024.

¹⁸ PESQUISA EMPÍRICA. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa_empirica Acesso em 17/10/2024

¹⁹ BERTRAND RUSSELL. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bertrand_Russell Acesso em 22/10/2024

²⁰ RUSSEL, Bertrand Arthur William. Por que não sou Cristão, Versão eletrônica do livro. Tradução: Ana Ban. Créditos: L&PM Pocket www.lpm.com.br Fonte: <https://www.docdroid.net/dXHLwht/por-que-nao-sou-cristao-bertrand-russel-pdf> Acesso em 17/10/2024

²¹ CLINTON RICHARD DAWKINS. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Dawkins Acesso em 17/10/2024

Já Karl Popper²², um dos filósofos mais influentes da ciência no século XX, embora não tenha escrito extensivamente sobre milagres, oferece um importante enquadramento sobre como eventos extraordinários devem ser tratados pela ciência. Popper é conhecido por seu princípio de falseabilidade, que afirma que para uma teoria ser científica, ela deve ser passível de ser refutada por experimentação ou observação. Nesse sentido, milagres não podem ser tratados como fenômenos científicos, uma vez que não são falsificáveis – ou seja, não podem ser testados ou reproduzidos em condições controladas. Dessa forma, a ciência não pode validar a existência de milagres, pois eles escapam ao método científico de verificação.

No campo da filosofia contemporânea da religião, John Hick²³, teólogo e filósofo, aborda os milagres de maneira diferente em suas obras, sugerindo que o milagre não precisa ser entendido como uma violação das leis naturais, mas como uma manifestação da vontade divina através de meios naturais. Em seu livro *The Philosophy of Religion*²⁴, Hick argumenta que o conceito de milagre deve ser reinterpretado dentro de um contexto teológico, onde a importância está na percepção do crente e não necessariamente na quebra das leis naturais.

Esses filósofos e suas obras mostram que a ciência moderna, com seu compromisso com a regularidade das leis naturais e com explicações empíricas, tende a ver os milagres com ceticismo. Eles são amplamente tratados como fenômenos que, se verdadeiros, exigiriam uma revisão fundamental da compreensão científica do mundo, ou como relatos que podem ser explicados por causas naturais, ilusões ou falhas de percepção.

2.3. MILAGRES À LUZ DAS RELIGIÕES

A justificativa da existência de milagres na religião está profundamente enraizada na fé de que um ser supremo, dotado de poder absoluto, pode intervir nas leis da natureza. Para muitas tradições religiosas, Deus ou entidades divinas são vistos como controladores do universo, capazes de transcender as limitações físicas e naturais. Assim, um milagre é entendido como um sinal dessa intervenção divina, demonstrando a presença e o poder de Deus em momentos específicos da história humana.

Em várias religiões, os milagres não são apenas fenômenos isolados, mas possuem um propósito específico. Eles servem como meios pelos quais Deus se comunica com a humanidade, demonstrando seu poder e reafirmando sua presença. No cristianismo, por exemplo, os milagres de Jesus são vistos como sinais de sua divindade e de sua missão de salvar a humanidade. Os milagres, nesse contexto, fortalecem a fé dos crentes e confirmam a autoridade divina do emissário de Deus.

Além disso, os milagres também são justificados como um veículo para a esperança. Para muitos fiéis, os milagres representam a possibilidade de que o impossível se torne possível, de que situações desesperadoras podem ser revertidas por uma força maior. Essa crença sustenta a ideia de que, embora a vida terrena seja repleta de desafios e limitações, a intervenção divina pode alterar realidades e oferecer conforto, cura ou solução em momentos de necessidade extrema.

A tradição religiosa também argumenta que os milagres têm uma função pedagógica. Eles servem como ensinamentos para os crentes, revelando verdades espirituais ou morais mais profundas. Um milagre pode ilustrar a compaixão divina, a justiça ou a misericórdia de Deus, e assim, ajudar os fiéis a entenderem melhor a relação entre o mundo material e o espiritual.

²² KARL RAIMUND POPPER. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Popper Acesso em 18/10/2024

²³ JOHN HICK. <https://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2010/04/teologia-pluralista-de-john-hick.html> Acesso em 18/10/2024

²⁴ HICK, John Harwood, *Philosophy of religion*. 3ª Edição - Versão eletrônica do livro, 1983. Fonte: <https://ditext.com/hick/title.html> Acesso em 19/10/2024.

Muitas histórias de milagres nas escrituras, como a abertura do Mar Vermelho no judaísmo ou a cura de enfermos no cristianismo, trazem lições que transcendem o evento em si.

Por fim, os milagres são vistos como uma prova de fé. Em diversas religiões, acreditar em milagres é parte da confiança inabalável na existência de um Deus todo-poderoso. Mesmo que os milagres desafiem a razão e a ciência, eles reafirmam a crença de que o divino não está sujeito às mesmas regras que o mundo material. Essa fé na possibilidade de milagres reforça a espiritualidade e a relação pessoal dos crentes com Deus, destacando a dimensão transcendente da religião.

2.4. ANÁLISE E CONTRAPONTO

A análise dos milagres no contexto religioso em relação ao ceticismo e à ciência revela tanto pontos em comum quanto divergências profundas, especialmente quando se trata da natureza dos milagres e da maneira como eles são interpretados e aceitos. Enquanto as religiões frequentemente veem os milagres como sinais de intervenção divina e como uma validação da fé, tanto o ceticismo quanto a ciência tendem a abordar os milagres com grande cautela e descrença, baseando-se em princípios racionais e empíricos que dificultam a aceitação de eventos sobrenaturais.

As religiões, o ceticismo e a ciência estão preocupados, de alguma forma, com a explicação da realidade e a busca pela verdade. Religiões que defendem os milagres como manifestações divinas buscam oferecer uma compreensão do mundo que inclui o sobrenatural como parte da existência. Da mesma forma, o ceticismo e a ciência também procuram explicações para o que acontece no mundo, embora limitem suas abordagens ao que pode ser observado e testado. A diferença aqui reside nos métodos de obtenção da verdade, mas há uma busca comum pelo entendimento da natureza dos fenômenos.

Tanto a religião quanto a ciência reconhecem a existência de eventos extraordinários. No contexto religioso, esses eventos são interpretados como milagres, ações sobrenaturais de uma divindade que ultrapassam as capacidades humanas. A ciência também reconhece fenômenos extraordinários, embora não os classifique como milagres. Para a ciência, esses eventos devem ser investigados e explicados dentro do conjunto de leis naturais conhecidas ou ainda não compreendidas. Assim, enquanto as religiões atribuem causas sobrenaturais aos milagres, a ciência busca causas naturais ainda não identificadas.

Um ponto de grande divergência entre a religião e a ciência e o ceticismo é a definição de milagre. Para a maioria das tradições religiosas, um milagre é um evento que transcende as leis naturais, algo que só pode ser explicado pela intervenção de uma força sobrenatural, como Deus. Já para o ceticismo e a ciência, essa definição é problemática. David Hume, definiu o milagre como uma violação das leis da natureza, mas argumentou que acreditar em uma violação dessas leis é irracional, pois as leis naturais são derivadas da experiência repetida e observável. A ciência, ao contrário, trabalha com a premissa de que os fenômenos devem seguir um conjunto de leis universais e previsíveis, e que eventos extraordinários, mesmo que ainda não explicados, não podem ser considerados sobrenaturais.

No campo religioso, os milagres frequentemente são aceitos com base na fé e no testemunho de pessoas que presenciaram o evento, especialmente em textos sagrados ou tradições orais. A crença em milagres pode ser fundamental para o fortalecimento da fé e para a experiência religiosa pessoal. Por outro lado, o ceticismo e a ciência exigem provas empíricas e verificáveis para aceitar qualquer afirmação. Dawkins e outros cientistas argumentam que a evidência fornecida para os milagres, geralmente baseada em relatos subjetivos, é insuficiente e não pode ser validada de acordo com os métodos científicos modernos. Isso cria uma barreira significativa entre a maneira como a religião e a ciência avaliam os eventos miraculosos.

As religiões geralmente veem os milagres como atos de intervenção divina que respondem às preces ou demonstram o poder de Deus. Isso implica que o universo pode ser alterado por uma força externa, o que desafia a visão científica de um mundo governado por leis naturais imutáveis. Para o ceticismo e a ciência, a ideia de uma intervenção divina que viola as leis da natureza é inaceitável, pois tais leis são consideradas universais e invariáveis. Russell criticou a ideia de milagres por essa razão, argumentando que a aceitação de milagres implicaria na suspensão arbitrária das leis naturais, o que seria incompatível com a visão científica do mundo.

Outro ponto relevante está na testabilidade dos milagres. *Popper* argumentou que para uma teoria ser científica, ela deve ser falsificável, isto é, deve ser possível provar que ela está errada. Os milagres, por sua própria natureza, são considerados eventos únicos e sobrenaturais, o que os torna impossíveis de testar ou reproduzir nas condições controladas exigidas pela ciência. O ceticismo sustenta que qualquer afirmação que não possa ser testada ou replicada deve ser tratada com suspeita. Já as religiões, especialmente as teologias baseadas na fé, não exigem testabilidade empírica para validar os milagres, confiando em experiências pessoais e crenças espirituais.

Ao longo da história, diversos filósofos, cientistas, pesquisadores e teólogos também se debruçaram sobre o tema dos "milagres", contribuindo significativamente para as discussões sobre seu papel e significado. Esses pensadores ofereceram uma ampla gama de interpretações, questionando o que constitui um milagre e sua legitimidade como evidência de uma realidade superior. Embora cada um tenha suas próprias perspectivas, muitos deles compartilham princípios semelhantes aos dos autores já mencionados, variando em suas abordagens entre visões mais moderadas e outras mais radicais. No Anexo I deste trabalho, destacamos o pensamento de alguns desses autores, aprofundando suas contribuições para o debate.

2.5. CIÊNCIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO UNIDAS

Ao longo da história, muitos fenômenos inicialmente atribuídos a causas sobrenaturais ou divinas foram, mais tarde, explicados pela ciência à medida que o conhecimento e a tecnologia avançaram. Esses eventos, que em um primeiro momento pareciam milagrosos ou divinos, foram compreendidos dentro das leis naturais conforme as descobertas científicas progrediram. Eis alguns exemplos notáveis:

Eclipses Solares e Lunares

Interpretação inicial: Em muitas culturas antigas, os eclipses solares e lunares eram vistos como sinais divinos ou sobrenaturais, sendo interpretados como avisos de deuses ou presságios de eventos catastróficos. Alguns povos acreditavam que deuses ou seres míticos estavam devorando o Sol ou a Lua.

Explicação científica: Com o avanço da astronomia, entendeu-se que os eclipses são fenômenos naturais causados pelo alinhamento dos corpos celestes.

2. Raio e Trovão

Interpretação inicial: Na antiguidade, o relâmpago e o trovão eram frequentemente atribuídos a deuses ou espíritos poderosos, como Zeus na mitologia grega ou Thor na mitologia nórdica. Estes fenômenos eram vistos como demonstrações de poder divino ou como castigos dos deuses.

Explicação científica: No século XVIII, Benjamin Franklin demonstrou que o relâmpago era uma forma de eletricidade, realizando seu famoso experimento da pipa. Descobriu-se que o trovão é o som causado pela rápida expansão do ar devido ao calor gerado pelo relâmpago, um fenômeno totalmente explicável pelas leis da física.

3. Cometas

Interpretação inicial: Cometas eram frequentemente vistos como maus presságios ou sinais de ira divina. No passado, muitos povos os viam como arautos de desastres naturais, guerras ou mortes de figuras importantes.

Explicação científica: Hoje, sabemos que cometas são corpos celestes feitos de gelo, poeira e rochas, que orbitam o Sol. Quando se aproximam do Sol, o calor vaporiza parte de sua superfície, criando a cauda característica. Edmond Halley, no século XVII, demonstrou que cometas seguem órbitas previsíveis, como no caso do famoso cometa Halley, eliminando a ideia de que eram mensageiros divinos.

4. Epilepsia e Distúrbios Neurológicos

Interpretação inicial: Por milênios, crises epiléticas foram frequentemente interpretadas como possessões demoníacas ou manifestações divinas.

Explicação científica: Com o avanço da medicina, a epilepsia foi identificada como uma condição neurológica causada por descargas elétricas anormais no cérebro.

5. Aurora Boreal

Interpretação inicial: Em várias culturas, as auroras boreais eram vistas como manifestações divinas, frequentemente associadas com deuses ou espíritos.

Explicação científica: As auroras boreais e austrais são fenômenos causados pela interação do vento solar com o campo magnético da Terra. As partículas carregadas do Sol colidem com átomos na atmosfera terrestre, liberando energia na forma de luz. Esse fenômeno é agora compreendido pela física como um evento natural.

6. Peste Negra e Outras Epidemias

Interpretação inicial: A Peste Negra, que devastou a Europa no século XIV, foi amplamente vista como um castigo divino pelos pecados da humanidade. As pessoas acreditavam que a doença era uma forma de punição enviada por Deus, e práticas religiosas, como procissões e penitências, eram realizadas para apaziguar a divindade.

Explicação científica: Com o desenvolvimento da microbiologia e da teoria dos germes, ficou claro que a peste era causada por uma bactéria chamada *Yersinia pestis*, transmitida por pulgas infectadas que viviam em ratos.

7. Cura Espontânea de Doenças

Interpretação inicial: Algumas curas súbitas e inexplicáveis de doenças eram vistas como milagres ou intervenções divinas, especialmente em contextos religiosos onde a fé era colocada como fator determinante da recuperação.

Explicação científica: Embora muitas curas espontâneas permaneçam difíceis de entender completamente, avanços na medicina e na ciência biológica têm mostrado que o corpo humano possui mecanismos de autocura. Respostas imunológicas, remissões espontâneas de doenças, ou fatores ainda não totalmente compreendidos pela medicina moderna podem explicar alguns casos que antes eram atribuídos ao divino.

8. Chuva de Meteoros

Interpretação inicial: Meteoros e estrelas cadentes foram frequentemente vistos como presságios divinos, com associações com deuses, guerras ou mudanças significativas na vida dos governantes e dos povos.

Explicação científica: Os meteoros são fragmentos de rocha ou metal que entram na atmosfera da Terra e queimam devido ao atrito com o ar, criando uma trilha luminosa. A ciência astronômica, desenvolvida desde o Renascimento, foi capaz de explicar esses eventos como fenômenos naturais previsíveis.

9. Magnetismo e Atração de Metais

Interpretação inicial: Na Antiguidade, o magnetismo era visto como um fenômeno mágico ou sobrenatural. O poder de certos minerais, como a magnetita, de atrair metais era considerado um mistério inexplicável, associado a forças invisíveis ou divinas.

Explicação científica: No final do século XVI, William Gilbert, médico da rainha Elizabeth I da Inglaterra, publicou um tratado chamado *De Magnete*, onde ele descreveu o magnetismo como uma força natural, e não mágica. Ele foi o primeiro a propor que a Terra em si era um grande ímã, estabelecendo as bases para a compreensão científica do magnetismo. Com o tempo, a ciência identificou que o magnetismo é resultado de interações entre partículas subatômicas, especificamente os elétrons, e é governado pelas leis do eletromagnetismo.

10. Ilusões Ópticas e Miragens

Interpretação inicial: Miragens, especialmente em desertos ou mares, eram frequentemente vistas como manifestações sobrenaturais ou divinas. Em tempos antigos, viajantes que avistavam oásis inexistentes ou grandes corpos d'água onde não havia nada muitas vezes acreditavam que estavam testemunhando fenômenos divinos ou ilusões enviadas por deuses para testá-los ou guiá-los.

Explicação científica: As miragens são fenômenos naturais causados pela refração da luz. Quando a luz passa através de camadas de ar com diferentes temperaturas (por exemplo, ar quente próximo ao solo em um deserto e ar mais frio acima), ela se curva, criando a ilusão de água ou objetos distantes. Esse fenômeno é bem compreendido dentro das leis da ótica e da física, e não há envolvimento de causas sobrenaturais, mas sim de condições atmosféricas específicas que afetam a percepção visual.

Esses exemplos, assim como tantos outros, mostram como, ao longo da história, a compreensão científica tem desmistificado muitos eventos que, no passado, eram considerados sobrenaturais ou obras divinas. A ciência moderna, ao ampliar o conhecimento das leis da natureza, oferece explicações racionais para fenômenos que antes eram envoltos em mistério.

Neste sentido podemos perguntar: Existem Leis que ainda não conhecemos que poderiam unir o pensamento dos céticos, da ciência e explicar os milagres, sem afetar o caráter religioso, trazendo uma visão diferente da realidade?

2.6. CONTRAPONTO SEGUNDO ALFRED RUSSEL WALLACE

*Alfred Russel Wallace*²⁵, renomado naturalista e cofundador da teoria da seleção natural ao lado de *Charles Darwin*²⁶, é uma figura singular na história da ciência devido à sua aceitação e defesa de fenômenos espirituais. Embora Wallace seja amplamente conhecido por suas contribuições à biologia evolutiva, sua postura aberta aos fenômenos espirituais e sua disposição para enfrentar o ceticismo em torno desses temas o tornam um contraponto interessante em debates entre céticos, ciência e espiritualidade. Em seu livro “*Diálogo com os Céticos*”²⁷, apresenta argumentos que buscam conciliar a observação científica com a realidade dos fenômenos espirituais, respondendo a críticos e céticos que negavam a validade desses eventos com base nas restrições da ciência materialista da época.

Wallace não rejeitava o método científico; pelo contrário, ele argumentava que o estudo dos fenômenos espirituais deveria ser conduzido com o mesmo rigor empregado em outras áreas da ciência. Sua posição era a de que os céticos muitas vezes rejeitavam a existência de fenômenos espirituais sem oferecer uma investigação adequada ou justa. Para ele, a atitude cética com relação aos fenômenos espirituais, como a mediunidade e as manifestações físicas, era muitas vezes baseada em preconceitos e em uma visão limitada da realidade, ao invés de em uma análise meticulosa e imparcial. Ele defendia que muitos dos fenômenos espirituais observados, como materializações e manifestações mediúnicas, poderiam ser cientificamente comprovados, desde que fossem estudados com mente aberta e sem preconceitos.

Um dos principais pontos defendidos por Wallace era que a ciência materialista do século XIX estava limitada em sua capacidade de explicar certos fenômenos que iam além da percepção física comum. Ele acreditava que os fenômenos espirituais representavam uma extensão das leis naturais que regem o universo, e não sua violação. Assim, propunha que os cientistas expandissem seus horizontes e investigassem esses fenômenos com seriedade. Segundo ele, o fato de a ciência ainda não ter uma explicação para esses eventos não deveria levar à sua rejeição, mas sim incentivar uma exploração mais aprofundada. Ele via uma continuidade entre o mundo material e o espiritual, sugerindo que ambos estavam interligados por leis universais que ainda não haviam sido totalmente compreendidas.

Wallace também utilizou a ciência experimental de sua época para defender a existência de fenômenos espirituais. Ele esteve presente em várias sessões mediúnicas e testemunhou fenômenos que considerava impossíveis de serem explicados por fraudes ou alucinações. Para ele, a quantidade e a qualidade das evidências eram suficientes para justificar uma investigação científica completa dos fenômenos espirituais. Ele argumentava que muitas críticas dos céticos eram baseadas em argumentos que ignoravam o volume de evidências disponíveis ou se limitavam a suposições sobre a impossibilidade desses fenômenos, em vez de serem fundamentadas em investigações diretas.

No *Diálogo com os Céticos*, Wallace responde diretamente às críticas filosóficas e científicas da época. Ele destaca que muitos dos que rejeitavam os fenômenos espirituais o faziam com base em preconceitos filosóficos enraizados no materialismo, e não em evidências. Wallace argumentava que o método científico deveria ser aplicado a todas as áreas do conhecimento, incluindo aquelas que envolvem o estudo de fenômenos espirituais, e que a verdadeira ciência deve ser imparcial em suas investigações, aberta a novas descobertas que desafiam o *status quo*. Para ele, a ciência materialista tradicional havia se tornado uma barreira

²⁵ ALFRED RUSSEL WALLACE. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Russel_Wallace Acesso em 19/10/2024

²⁶ CHARLES DARWIN. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin Acesso em 19/10/2024

²⁷ WALLACE, Alfred Russel. *Diálogo com os Céticos*. Tradução: Jäder dos Reis Sampaio. 1ª Edição. Editora: Instituto Lachatre, 2019.

à expansão do conhecimento humano, restringindo-se apenas ao que era visível e palpável, e ignorando aspectos da realidade que, embora invisíveis, poderiam ser igualmente importantes.

Outro ponto relevante na visão de Wallace era a relação entre ciência e espiritualidade. Ele acreditava que, em vez de estarem em conflito, ciência e espiritualidade poderiam se complementar. A ciência poderia fornecer os métodos e as ferramentas para estudar os fenômenos espirituais, enquanto a espiritualidade poderia oferecer uma compreensão mais profunda da natureza humana e de sua conexão com o universo. Estava convencido de que as descobertas científicas no campo dos fenômenos espirituais levariam a uma visão mais ampla e inclusiva do mundo, unindo a compreensão física e espiritual da realidade. Essa visão, para ele, era a chave para superar o ceticismo infundado e abrir caminho para novas descobertas.

Em relação aos céticos, Wallace argumentava que a negação absoluta de fenômenos espirituais, sem uma análise rigorosa, era anticientífica. Ele desafiava os céticos a investigarem os fenômenos com a mesma seriedade com que tratavam outras áreas da ciência. Para ele, o ceticismo saudável, que questiona, investiga e busca evidências, era essencial, mas o ceticismo dogmático, que simplesmente rejeitava algo sem uma análise apropriada, era um obstáculo ao progresso do conhecimento.

Wallace, embora um cientista renomado e cofundador da teoria da seleção natural, teve uma visão distinta em relação aos milagres que o separava da maioria de seus contemporâneos científicos. Enquanto muitos cientistas e filósofos da época, como Charles Darwin²⁶ e *Thomas Huxley*²⁸, se alinhavam com uma visão materialista e cética sobre os milagres, Wallace adotou uma postura aberta e defensiva a respeito de fenômenos que, tradicionalmente, eram considerados milagrosos ou espirituais.

Wallace não propôs diretamente contrapontos às ideias de David Hume, Bertrand Russell, Richard Dawkins e Karl Popper, uma vez que ele viveu em uma época anterior a alguns desses filósofos, especialmente Russell, Dawkins e Popper. No entanto, suas ideias e postura em relação aos fenômenos espirituais e aos milagres apresentam contrapontos implícitos às concepções desses filósofos céticos, cujas visões rejeitam ou desconfiam de fenômenos sobrenaturais e espirituais.

Wallace não se alinhava com a visão de David Hume, que argumentava que os milagres são eventos tão improváveis que é sempre mais racional duvidar dos testemunhos que os relatam do que acreditar que uma violação das leis naturais ocorreu. Ele acreditava que o testemunho de fenômenos espirituais e milagres deveria ser levado a sério e investigado, especialmente quando respaldado por múltiplos observadores confiáveis e em diferentes contextos. Enquanto Hume argumentava que era irracional acreditar em milagres, Wallace sustentava que o ceticismo extremo bloqueava a possibilidade de explorar fenômenos que poderiam ampliar a compreensão científica. Para Wallace, os milagres não violavam as leis da natureza, mas sim operavam segundo leis universais ainda não compreendidas, algo que Hume descartava.

Ele discordaria diretamente de Russell nesse ponto. Embora também fosse um cientista, ele via os milagres não como suspensões das leis naturais, mas como fenômenos que se enquadram em leis naturais ainda não descobertas. Ele acreditava que a ciência, ao se limitar ao materialismo, estava fechando portas para o entendimento de fenômenos espirituais e extraordinários. Para Wallace, os milagres eram manifestações de um universo maior e mais complexo do que a ciência materialista podia capturar, uma visão oposta à de Russell, que via o mundo estritamente em termos físicos e racionais.

Embora Wallace fosse um defensor da ciência, ele teria discordado de Dawkins em relação à exclusão total dos fenômenos espirituais. Ele acreditava que a ciência deveria ser aberta à possibilidade de fenômenos extraordinários e que a rejeição absoluta deles, como faz

²⁸ THOMAS HENRY HUXLEY. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Henry_Huxley Acesso em 19/10/2024.

Dawkins, era uma postura dogmática. Para Wallace, o fato de a ciência moderna não ter, ainda, uma explicação para certos eventos não justificava a rejeição desses eventos. Ele via a espiritualidade e os fenômenos espirituais como parte de um universo natural, que a ciência poderia estudar com rigor e mente aberta.

Para Popper, fenômenos sobrenaturais e milagres, estariam fora do escopo da ciência, uma vez que não podem ser testados ou refutados de maneira empírica. Wallace acreditava que os fenômenos espirituais poderiam ser estudados cientificamente, e não os via como eventos inatingíveis ou infalsificáveis. Ele participava de sessões mediúnicas e observava manifestações espirituais, buscando evidências tangíveis que poderiam ser analisadas cientificamente. Nesse sentido, ele teria discordado de Popper ao afirmar que os fenômenos espirituais não estavam fora do escopo da ciência, mas que a ciência precisava expandir seus métodos para incluí-los. Wallace argumentava que, se bem investigados, os fenômenos espirituais poderiam sim ser observados e, talvez, sistematicamente testados, contrariando a visão de Popper de que eles não poderiam ser falseáveis.

Portanto, embora Wallace não tenha dialogado diretamente com Hume, Russell, Dawkins ou Popper, representou um contraponto a muitas das suas ideias através de sua defesa do estudo científico de fenômenos espirituais e da sua crença em uma realidade maior, que incluía tanto o físico quanto o espiritual. Ele acreditava que os milagres não eram violações das leis naturais, mas manifestações de leis universais ainda não compreendidas, e que o ceticismo extremo e materialista bloqueava o progresso do conhecimento. Wallace via a ciência como uma ferramenta que poderia ser usada para investigar os fenômenos espirituais, e não como uma barreira a esses estudos, em contraste com os céticos materialistas que rejeitavam tais fenômenos como ilusões ou enganos.

2.7. CONTRAPONTO SEGUNDO HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL

Uma análise espiritualista sobre os milagres em contraposição aos pontos de vista céticos de autores como David Hume, Bertrand Russell, Richard Dawkins, e Karl Popper abriria um espaço para uma interpretação diferente da realidade, considerando aspectos da existência que transcendem a compreensão estritamente materialista e empírica. Enquanto os céticos e cientistas frequentemente abordam os milagres como eventos improváveis ou impossíveis dentro do escopo das leis naturais, os espiritualistas propõem uma visão que inclui dimensões sutis da realidade, onde os fenômenos espirituais podem ocorrer de maneira harmônica com leis universais ainda desconhecidas pela ciência.

Do ponto de vista espiritualista, especialmente dentro de correntes como o Espiritismo, o conceito de milagre não se baseia em uma violação das leis da natureza, mas sim em uma compreensão mais profunda e abrangente dessas leis. Conforme exposto por *Hippolyte Léon Denizard Rivail*²⁹, cientista, pedagogo, discípulo ativo de Pestalozzi, fundador do Espiritismo, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec, os eventos que são considerados milagres são, na verdade, fenômenos naturais que ainda não foram completamente explicados pela ciência materialista. Em seu livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Kardec afirma que “os fenômenos considerados milagres, longe de contrariarem as leis da Natureza, se apoiam nas leis imutáveis que regulam a harmonia do Universo, leis ainda desconhecidas ou incompreendidas.”³⁰ Em outro livro “A Gênese”³¹ escreve e detalha um capítulo inteiro(XIII) sobre o tema e oferece uma visão racional e sistemática para compreender os chamados milagres, propondo que a verdadeira compreensão das leis universais elimina a necessidade de recorrer ao sobrenatural. Nesse sentido, o espiritismo reconhece a existência de leis que transcendem o plano físico e que podem governar fenômenos extraordinários como curas súbitas, comunicações mediúnicas ou aparições, os quais não contrariam a natureza, mas a complementam com aspectos espirituais.

Ao analisar o argumento de David Hume, que defende que os milagres são violações das leis naturais e que a evidência contra eles é sempre mais forte do que os testemunhos a seu favor, o espiritualismo traz um contraponto fundamental. Enquanto Hume sustenta que nossa experiência regular do mundo é a única base sólida para negar milagres, o espiritismo sugere que nossa experiência sensorial é limitada e não abrange a totalidade da realidade. Os fenômenos espirituais, como contatos com o mundo dos espíritos ou curas inexplicáveis, são vistos como parte de uma ordem maior que a ciência tradicional ainda não conseguiu explorar completamente. O fato de não serem percebidos pela maioria das pessoas não nega sua existência, mas apenas evidencia as limitações atuais da ciência empírica e do conhecimento humano.

Já com relação ao ponto de Bertrand Russell, que argumenta que a ciência moderna não pode acomodar milagres porque eles pressupõem a suspensão arbitrária das leis naturais, o espiritismo propõe que as leis espirituais e materiais coexistem e que os milagres são fenômenos que seguem uma lógica espiritual. O Espiritismo, por exemplo, explica que os espíritos desencarnados ou elevados podem intervir no plano físico, utilizando energias que ainda não são mensuráveis pela ciência, mas que seguem leis de afinidade e vibração espiritual. Nesse sentido, os chamados “milagres” não são suspensões das leis naturais, mas manifestações dessas leis em planos mais sutis da existência. Assim, para um espírita, a concepção de Russell sobre

²⁹ HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL. Fonte: <https://fems.org.br/r/hippolyte-leon-denizard-rivail-allan-kardec-1804-1869/2833> Acesso em 20/10/2024

³⁰ KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 366ª Edição, Editora: Ide Editora

³¹ KARDEC, Allan. A Gênese. 2ª Edição, Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Editora: FEB

a impossibilidade de milagres é limitada, pois parte de um pressuposto materialista que desconsidera a existência de dimensões espirituais da realidade.

Em resposta às críticas de Richard Dawkins, que rejeita a noção de milagres e defende que todos os fenômenos extraordinários podem ser explicados por causas naturais ou são ilusões, o espiritismo sugere que a ciência ainda não alcançou todas as respostas e que muitos fenômenos ainda escapam ao entendimento humano. Dawkins, com seu enfoque estritamente biológico e materialista, tende a excluir a possibilidade de dimensões espirituais da existência, o que limita sua interpretação dos eventos incomuns. No entanto, para o espiritismo, o fato de a ciência não poder comprovar certos fenômenos espirituais não invalida sua existência. Pelo contrário, os espíritas argumentam que há uma vasta realidade espiritual que, assim como a gravidade ou a eletricidade antes de serem descobertas, aguarda ser compreendida e integrada ao conhecimento científico.

Por fim, com relação à filosofia de Karl Popper, que defende que uma teoria científica deve ser falseável, o espiritualismo reconhece que muitos fenômenos espirituais não são facilmente testáveis pelos métodos tradicionais da ciência, mas isso não significa que eles não existam. Popper argumenta que para algo ser científico, ele deve ser passível de refutação e experimentação, o que coloca os milagres fora do escopo da ciência empírica. No entanto, o espiritismo propõe que a realidade espiritual opera sob leis diferentes e que, embora não sejam falseáveis pelos métodos atuais, elas podem ser experienciadas subjetivamente e estudadas através de práticas espirituais e mediúnicas. Essa abordagem não rejeita o método científico, mas sugere que ele deve ser ampliado para incluir o estudo de fenômenos não físicos.

Portanto, a visão espiritualista oferece uma perspectiva complementar à ciência moderna e aos autores céticos como Hume, Russell, Dawkins e Popper. Enquanto esses filósofos veem os milagres como violações ou eventos improváveis dentro do mundo material, o espiritismo os enxerga como parte de uma ordem natural mais ampla, que inclui a dimensão espiritual. Assim, os milagres não violam as leis da natureza; eles seguem leis ainda não compreendidas pela ciência, mas que são percebidas por meio de uma visão mais ampla da existência.

Essa abordagem permite que os fenômenos extraordinários sejam vistos como parte de um universo mais vasto e complexo, sugerindo que o conhecimento científico pode evoluir para descobrir essas leis ainda desconhecidas, sem que seja preciso haver um conflito entre o conhecimento empírico e a crença espiritual, como é proposto pelo Espiritismo – uma doutrina que tem por princípios a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Importante lembrar que *Denizard (Allan Kardec)* desenvolveu o Espiritismo utilizando um método similar ao da ciência empírica, coletando e analisando relatos e manifestações de fenômenos mediúnicos. Ele aplicava a observação sistemática, registrando os fenômenos espirituais e mediúnicos de maneira metódica, e tentando discernir padrões e leis que regem esses fenômenos. Assim como as ciências naturais estudam os fenômenos físicos, o Espiritismo propõe o estudo dos fenômenos espirituais, aplicando um método de observação que busca compreender as causas e os efeitos desses eventos.

2.8. WALLACE E KARDEC: UM CONTRAPONTO AO CETICISMO CLÁSSICO E CONTEMPORÂNEO

Alfred Russel Wallace e Hippolyte Léon Denizard Rivail se destacam como figuras-chave no estudo dos fenômenos espirituais e, em particular, dos milagres. Embora tenham atuado em diferentes áreas (Wallace na biologia e Kardec pedagogia e na codificação do Espiritismo), ambos adotaram uma postura de investigação científica aberta em relação aos fenômenos espirituais, que contrasta significativamente com as posições dos céticos clássicos e contemporâneos, como David Hume e Richard Dawkins.

Wallace, como foi visto, manteve uma postura distinta em relação aos fenômenos espirituais e milagrosos. Ele acreditava que os fenômenos espirituais, como materializações e manifestações mediúnicas, não representavam violações das leis naturais, mas sim eventos que operavam dentro de leis universais ainda desconhecidas pela ciência. Wallace argumentava que o testemunho de fenômenos espirituais deveria ser levado a sério, desde que apoiado por múltiplos observadores confiáveis e investigado de forma rigorosa. Para ele, a ciência deveria expandir seus horizontes para incluir o estudo dos fenômenos espirituais, em vez de simplesmente descartá-los como ilusões ou fraudes. Isso o colocava em confronto direto com o ceticismo radical de David Hume, que definia milagres como violações das leis naturais e argumentava que seria mais racional acreditar em engano ou exagero nos relatos de milagres do que aceitar uma violação das leis estabelecidas pela experiência repetida.

Kardec, por outro lado, ao desenvolver o Espiritismo no século XIX, adotou uma abordagem semelhante à de Wallace em termos de metodologia científica aplicada aos fenômenos espirituais. Kardec propôs que os chamados "milagres" não eram intervenções sobrenaturais, mas sim manifestações de leis espirituais ainda não compreendidas pela ciência materialista. Ele coletou e analisou centenas de comunicações mediúnicas e fenômenos considerados milagrosos, argumentando que esses eventos poderiam ser entendidos de forma racional e sistemática. Isso contrasta com o ceticismo moderno de Richard Dawkins, que vê os milagres como fenômenos ilusórios ou como produtos de uma interpretação equivocada da realidade. Dawkins defende que toda explicação deve ser baseada em causas naturais e empiricamente testáveis, rejeitando a ideia de um plano espiritual que transcenda as leis físicas conhecidas.

2.9. DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE WALLACE, KARDEC E OS CÉTICOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS

Enquanto Wallace e Kardec mantinham uma abordagem aberta e empírica, os céticos clássicos como Hume e céticos contemporâneos como Dawkins e Russell rejeitam a ideia de que os milagres possam ser explicados por leis naturais ainda não descobertas. Hume, como foi visto, argumentava que a regularidade das leis naturais era a base de nosso entendimento do mundo e que seria irracional aceitar relatos de milagres, uma vez que esses relatos não poderiam superar a evidência da consistência dessas leis. Já Dawkins afirma que a ciência deve buscar explicações naturais para todos os fenômenos e que os relatos de milagres são meramente resultado de ignorância ou engano, uma vez que não são replicáveis ou falseáveis no método científico.

Em contraste, Wallace e Kardec defendiam que a ciência deve ser aberta a novos tipos de fenômenos e leis. Wallace via a evolução não apenas como um processo físico, mas também como algo que poderia incluir o desenvolvimento espiritual. Ele acreditava que os fenômenos espirituais faziam parte de um universo mais amplo e que a ciência estava apenas começando a explorá-lo. Para Kardec, os fenômenos mediúnicos e milagrosos eram exemplos de um mundo espiritual interagindo com o plano material, seguindo leis próprias que ainda não haviam sido

descobertas pela ciência. Ele afirmava que o conhecimento espiritual deveria ser considerado parte da compreensão científica do universo.

2.10. WALLACE E KARDEC COMO PONTOS DE CONVERGÊNCIA ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE

A posição de Wallace e Kardec se alinha mais com uma visão pluralista e integrativa do conhecimento, na qual ciência, espiritualidade e filosofia não estão em conflito, mas sim complementam-se. John Hick, um filósofo contemporâneo da religião, compartilha um ponto de vista semelhante ao de Kardec ao afirmar que os milagres não precisam ser vistos como violações das leis naturais, mas podem ser compreendidos como manifestações de uma vontade divina através de meios naturais ainda não compreendidos. Hick, assim como Wallace e Kardec, propõe que o conhecimento humano é limitado e que a ciência deveria ser mais aberta a novas dimensões de investigação.

Enquanto os céticos antigos e contemporâneos, como Karl Popper, argumentam que os milagres não podem ser tratados como fenômenos científicos por não serem falseáveis ou replicáveis, Wallace e Kardec defendem que a ciência precisa expandir seus métodos para incluir a análise dos fenômenos espirituais, já que a ausência de evidência não é evidência de ausência. Para Popper, os milagres escapam ao método científico, pois não podem ser submetidos a testes empíricos rigorosos. Para Wallace e Kardec, no entanto, isso é mais uma limitação atual da ciência do que uma prova da inexistência dos fenômenos espirituais.

Em resumo, Alfred Russel Wallace e Allan Kardec adotaram uma abordagem investigativa mais aberta em relação aos milagres e fenômenos espirituais, propondo que esses eventos poderiam ser compreendidos através de leis naturais ainda não descobertas, enquanto os céticos clássicos, como David Hume, e contemporâneos, como Richard Dawkins, mantêm uma postura de descrença baseada em princípios racionais e empíricos. A proposta de Wallace e Kardec representa um contraponto ao ceticismo dogmático, sugerindo que o conhecimento científico deve estar aberto à exploração de novas dimensões da realidade, integrando o físico e o espiritual em uma compreensão mais ampla do universo.

2.11. VISÃO MAÇÔNICA SOBRE MILAGRES

A Maçonaria, sendo uma ordem iniciática com vasta literatura simbólica e filosófica, aborda temas como “milagres” de maneira indireta, especialmente relacionados à espiritualidade, transcendência e compreensão das leis universais.

Podemos interpretar a visão da Maçonaria sobre “milagres” sob duas perspectivas principais: a filosófica e a do conhecimento, ambas fundamentadas no raciocínio, na fé racional e no desenvolvimento contínuo do ser.

Na visão filosófica maçônica, “milagres” são frequentemente entendidos de forma simbólica, como expressões do poder divino que operam dentro das leis naturais estabelecidas pelo G:.A:.D:.U:. A Maçonaria encoraja a interpretação racional desses fenômenos, buscando um equilíbrio entre fé e razão. Não se nega a possibilidade de eventos extraordinários, mas enfatiza que devem ser compreendidos dentro de uma lógica divina e universal.

Os “milagres” são também vistos como símbolos de transformação interna e evolução espiritual, mais do que como intervenções sobrenaturais externas. A jornada do iniciado é, em si, considerada um “milagre” simbólico de autodescoberta e elevação moral.

A filosofia maçônica se baseia na lei de causa e efeito, sugerindo que, mesmo que algo pareça um milagre, existe uma causa mais profunda que talvez não compreendamos

completamente. Isso coloca os “milagres” no contexto de eventos que seguem uma lógica superior e natural, ainda que desconhecida.

Na visão do conhecimento, a Maçonaria busca expandir seus horizontes por meio da observação, estudo e experiência. Nesse sentido, “milagres” são considerados fenômenos que podem estar além do conhecimento atual, mas que não são necessariamente contrários à verdade. Eles incentivam uma busca mais profunda pelo entendimento das leis universais.

O pensamento maçônico vê a ciência e a espiritualidade como caminhos complementares de conhecimento. O que hoje chamamos de “milagre” pode, eventualmente, ser explicado à luz de novas descobertas científicas. Assim, milagres são estímulos para que o maçom busque mais conhecimento, sem descartar a presença de um Ser Supremo que orchestra o universo de maneira sábia e harmoniosa.

Contudo, ao nosso ver, o verdadeiro “milagre” para a Maçonaria é a transformação pessoal e moral do maçom. Nossos principais objetivos estabelecem que ao buscarmos o autoconhecimento, seremos capazes de alcançar feitos extraordinários, como a superação de nossas limitações internas e a elevação de nossa consciência para um estado mais próximo do ideal moral e espiritual.

Alguns autores maçônicos exploram, em suas obras, interpretações dos milagres sob perspectivas simbólicas, filosóficas e espirituais. Eles abordam conceitos que podem ser associados à visão maçônica dos milagres, enfatizando a transformação interna e a evolução espiritual do indivíduo em consonância com os princípios do Grande Arquiteto do Universo. No Anexo I, destacamos algumas desses autores e suas obras, que contribuem para um entendimento mais profundo e reflexivo sobre o tema no contexto maçônico.

3. CONCLUSÃO

A discussão sobre os milagres sempre esteve no centro de debates filosóficos, científicos e religiosos, refletindo a complexidade de interpretar eventos que desafiam o entendimento humano. Sob a ótica cética, os milagres são considerados altamente improváveis e, frequentemente, vistos como resultado de enganos ou interpretações equivocadas, especialmente quando analisados sob uma perspectiva racionalista. David Hume, um dos principais defensores do ceticismo, rejeita a possibilidade de milagres, argumentando que as leis naturais, baseadas na experiência e na repetição, não podem ser quebradas sem provas absolutamente incontestáveis. Já para a ciência moderna, fenômenos considerados milagrosos são, na verdade, eventos que aguardam uma explicação científica mais aprofundada. A ciência busca entender o mundo através de leis universais e previsíveis, desafiando a ideia de uma intervenção divina arbitrária, mas sem excluir a possibilidade de eventos extraordinários, cuja causa ainda não foi descoberta.

Do ponto de vista religioso, os milagres são tidos como manifestações diretas de uma força superior. Para os cristãos, por exemplo, os milagres são a prova tangível da divindade de Cristo e uma demonstração do poder de Deus sobre o mundo material. O islamismo vê no Alcorão um milagre inquestionável, um sinal de intervenção divina, e em outras religiões também encontramos a valorização dos milagres como confirmações da fé e da existência de forças transcendentais que guiam e interagem com a humanidade. Essa compreensão coloca os milagres como experiências transformadoras, capazes de renovar a fé e fortalecer a espiritualidade dos indivíduos.

Entretanto, uma análise mais ampla permite vislumbrar uma abordagem conciliatória entre essas visões aparentemente conflitantes. A ideia de que os milagres não são, necessariamente, violações das leis naturais, mas sim manifestações de leis universais ainda não compreendidas pela ciência, oferece um caminho que harmoniza razão e fé.

Assim, essa visão não se opõe à ciência, mas a complementa, sugerindo que o universo é mais vasto e complexo do que as leis físicas conhecidas atualmente podem abarcar. Essa perspectiva convida a uma reavaliação das fronteiras entre o conhecimento empírico e a espiritualidade, propondo que, em vez de contradição, há espaço para uma congruência entre as diferentes formas de interpretar os milagres. Os milagres, nesse contexto, seriam não apenas provas da intervenção divina, mas também convites para que a humanidade amplie sua compreensão sobre o universo e as forças que o governam, sempre buscando integrar o conhecimento material com as dimensões espirituais ainda a serem exploradas.

Para a Maçonaria, “milagres” são eventos que nos impulsionam a aprofundar o entendimento espiritual e científico, funcionando como oportunidades de expansão do conhecimento e de reflexão filosófica sobre a natureza e o propósito do ser. Eles são considerados tanto uma manifestação da ordem divina quanto um convite para a evolução constante.

4. BIBLIOGRAFIA

DESCARTES, René. Descartes e a metafísica das meditações, versão eletrônica. Tradução: Rafael Teruel Coelho. Editora: Paulus, 2023. Fonte: <https://deg.paulus.com.br/7282.pdf> Acesso em 15/10/2024

HICK, John Harwood, *Philosophy of religion*. 3ª Edição - Versão eletrônica do livro, 1983. Fonte: <https://ditext.com/hick/title.html> Acesso em 18/10/2024.

HUME, David. Investigações sobre o entendimento humano, Versão eletrônica do livro Tradução: Anoar Aiex. Créditos da digitalização: Acrópolis (Filosofia) <https://docentes.ifrn.edu.br/rodrigovidal/disciplinas/epistemologia-da-ciencia-2012.2/texto-de-david-hume-investigacao-acerca-do-entendimento-humano/view>

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 366ª Edição,. Editora: Ide Editora, 2021.

KARDEC, Allan. A Gênese. 2ª Edição, Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Editora: BesouroLux, 2018

LUIZ FELIPE DE CERQUEIRA E SILVA PONDÉ. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Felipe_Pondé Acesso em 20/10/2024

RICHARD RORTY. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Rorty Acesso em 20/10/2024

RUSSEL, Bertrand. Por que não sou Cristão, Versão eletrônica do livro Tradução: Ana Ban. Créditos: L&PM Pocket www.lpm.com.br <https://www.docdroid.net/dXHlwht/por-que-nao-sou-cristao-bertrand-russel-pdf>

STANLEY LOUIS CAVELL. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Stnley_Cavell Acesso em 20/10/2024

WALLACE, Alfred Russel. Diálogo com os Céticos. Tradução: Jäder dos Reis Sampaio. 1ª Edição. Editora: Instituto Lachatre, 2019.

SITES:

<https://deg.paulus.com.br/7282.pdf>

<https://ditext.com/hick/title.html>

<https://docentes.ifrn.edu.br/rodrigovidal/disciplinas/epistemologia-da-ciencia-2012.2/texto-de-david-hume-investigacao-acerca-do-entendimento-humano/view>

<https://fems.org.br/r/hippolyte-leon-denizard-rivail-allan-kardec-1804-1869/2833>

<https://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2010/04/teologia-pluralista-de-john-hick.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Russel_Wallace

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arcesilau>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bertrand_Russell

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Carn%C3%A9ades>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ceticismo>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ceticismo_acad%C3%AAmico

https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin

https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Hume

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Empirismo>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Epistemologia>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_da_ci%C3%AAncia

https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Popper

https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Felipe_Pond%C3%A9

https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_cient%C3%AFfico

https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa_emp%C3%ADrica

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pirro_de_%C3%89lis

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes

https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Dawkins

https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Rorty

https://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_Cavell

https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Henry_Huxley

<https://www.docdroid.net/dXHlwht/por-que-nao-sou-cristao-bertrand-russel-pdf>

<https://www.youtube.com/watch?v=-DBTwK1axGs>

<https://www.youtube.com/watch?v=aToD9KgPv00>

ANEXO I – OUTROS FILÓSOFOS, CIENTISTAS, PESQUISADORES E TEÓLOGOS

Outros filósofos, cientistas, pesquisadores, teólogos e maçons ilustres, também abordaram o tema dos “milagres” ao longo da história, influenciaram nas discussões sobre o papel deles, oferecendo uma ampla gama de interpretações e debates sobre o que constitui um milagre e sua legitimidade como evidência de uma realidade. Destacamos alguns deles: ³²

1. [Agostinho de Hipona](#) (354-430)

Um dos teólogos mais influentes do cristianismo, Santo Agostinho abordou o tema dos milagres em diversas obras, incluindo “*A Cidade de Deus*”. Para Agostinho, os milagres não eram violações das leis naturais, mas sim intervenções divinas que ocorriam de acordo com a vontade de Deus. Ele via os milagres como sinais que reforçavam a fé e revelavam a natureza espiritual do mundo.

2. [Tomás de Aquino](#) (1225-1274)

Filósofo escolástico e teólogo católico, Aquino tratou dos milagres em sua obra principal, a “*Summa Theologiae*”. Para Aquino, os milagres eram intervenções diretas de Deus na ordem natural, mas não contradiziam as leis naturais, já que Deus é o autor dessas leis. Ele classificou os milagres em três categorias: os que excedem a natureza, os que a natureza pode realizar, mas não nessa ordem, e os que a natureza pode realizar, mas não de forma tão rápida.

3. [Blaise Pascal](#) (1623-1662)

Cientista e filósofo francês, Pascal lidou com a questão dos milagres em sua obra “*Pensées*”. Para Pascal, os milagres eram sinais da presença divina no mundo e tinham um papel central na fé cristã. Ele acreditava que os milagres, especialmente os bíblicos, eram manifestações de Deus que transcendem, mas não violam, as leis naturais.

4. [Baruch Spinoza](#) (1632-1677)

Filósofo racionalista holandês de origem sefardita. Spinoza apresentou uma visão crítica dos milagres em sua obra “*Tratado Teológico-Político*”. Ele argumentava que os milagres, entendidos como violações das leis naturais, são impossíveis, pois as leis da natureza são a expressão da vontade de Deus, que é imutável. Para ele, o que as pessoas chamam de “milagres” são, na verdade, fenômenos naturais que ainda não foram compreendidos adequadamente. Ele acreditava que o verdadeiro milagre é a ordem contínua e perfeita da natureza, e não uma suspensão de suas leis.

Spinoza sustentava que a fé religiosa não deve depender de milagres, mas sim de um entendimento racional da natureza divina. Para ele, a verdadeira devoção se baseia no conhecimento da ordem natural e na adesão aos princípios éticos que dela derivam.

³² Para conhecer um pouco mais sobre o autor e suas obras, clique sobre o nome do mesmo e será direcionado à página da internet com mais informações.

5. [Gottfried Wilhelm Leibniz](#) (1646-1716)

Filósofo alemão que abordou a questão dos milagres em suas obras teológicas e filosóficas, como em “*Theodicy*”. Leibniz acreditava que os milagres eram eventos que Deus permitia para realizar seus propósitos divinos, mas que não quebravam as leis naturais, pois Deus tinha um plano harmônico que incluía até mesmo essas intervenções.

6. [William Paley](#) (1743-1805)

Teólogo inglês, Paley tratou dos milagres em “*A View of the Evidences of Christianity*”. Ele argumentou que os milagres, especialmente os registrados na Bíblia, serviam como evidências da verdade do cristianismo. Paley via os milagres como sinais divinos destinados a chamar a atenção para a mensagem de Cristo e reforçar a fé.

7. [Immanuel Kant](#) (1724-1804)

Filósofo alemão, Kant tratou do tema dos milagres em sua obra “*A Religião nos Limites da Simples Razão*”. Ele foi cético em relação aos milagres, considerando-os mais como fenômenos subjetivos que reforçam a moralidade e a crença na providência divina, em vez de eventos que realmente violam as leis naturais.

8. [David Friedrich Strauss](#) (1808-1874)

Teólogo e filósofo alemão associado à crítica histórica da Bíblia. Strauss é mais conhecido por sua obra “*A Vida de Jesus*” (*Das Leben Jesu*), em que ele apresenta uma análise crítica dos relatos bíblicos sobre os milagres de Jesus. Argumentava que muitos dos milagres descritos nos Evangelhos são mais bem compreendidos como mitos ou simbolismos, em vez de eventos históricos literais. Ele via os milagres como expressões simbólicas da fé da comunidade cristã primitiva, projetadas para transmitir verdades espirituais, em vez de relatos factuais de intervenções sobrenaturais.

Strauss acreditava que a interpretação literal dos milagres era incompatível com uma visão crítica e científica da história. Ele enfatizava a necessidade de entender os milagres como construções teológicas que servem a propósitos simbólicos e espirituais.

9. [Clive Staples Lewis](#) (1898-1963)

Escritor, teólogo e professor britânico, conhecido por suas obras apologéticas e de ficção cristã. Em sua obra “*Milagres*” (1947), Lewis argumenta a favor da possibilidade e plausibilidade dos milagres. Ele defende que, se aceitarmos a existência de Deus, os milagres são razoáveis e não contradizem as leis naturais, pois são intervenções de um Deus que é o autor dessas leis. Ele via os milagres como atos racionais e intencionais de Deus, que comunicam verdades espirituais e fortalecem a fé. Para ele, os milagres, como a encarnação e a ressurreição de Cristo, são centrais ao cristianismo e têm um propósito teológico claro.

Lewis também criticou o ceticismo radical em relação aos milagres, argumentando que a rejeição automática dos milagres geralmente se baseia em uma visão de mundo materialista, e não em evidências lógicas ou empíricas.

10. [Rudolf Karl Bultmann](#) (1884-1976)

Teólogo alemão associado à teologia liberal e à crítica bíblica. Bultmann é conhecido por seu conceito de *demitologização* da Bíblia, que envolve reinterpretar os milagres e outros elementos sobrenaturais como metáforas ou símbolos teológicos, em vez de eventos históricos literais. Para ele, os milagres descritos nos Evangelhos são mais bem compreendidos como expressões simbólicas da fé e do relacionamento de Deus com a humanidade, em vez de intervenções sobrenaturais no mundo físico. Ele argumentava que os milagres não deveriam ser entendidos literalmente, pois a fé cristã deve ser centrada na experiência existencial de Cristo, e não na aceitação de fenômenos sobrenaturais.

Bultmann acreditava que a essência da fé cristã está na resposta moral e existencial ao chamado de Deus, não na crença em eventos milagrosos. Ele sustentava que a fé autêntica não depende de milagres, mas de uma experiência interior de transformação espiritual.

11. [Albert Pike](#) (1809 – 1891)

Pike, maçom ilustre organizador do Rito Escocês, vê os “milagres” como manifestações simbólicas de verdades espirituais mais profundas, relacionadas à evolução moral e espiritual do homem e ao conhecimento das leis naturais criadas pelo Grande Arquiteto do Universo. Em sua obra “*Moral e Dogma do Rito Escocês Antigo e Aceito*” (*Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*), fundamental da Maçonaria, aborda o simbolismo esotérico e a filosofia maçônica. Ele enfatiza que o entendimento de milagres está ligado à interpretação das leis universais e à compreensão do simbolismo espiritual.

12. [Joseph Paul Oswald Wirth](#) (1860 – 1943)

Wirth, autor Suíço, um renomado maçom e estudioso do simbolismo esotérico. Em seu livro “*O Simbolismo Hermético em suas relações com a alquimia e a Maçonaria*” (*Le Symbolisme hermétique dans ses rapports avec l'alchimie et la franc-maçonnerie*), explora a ligação entre os símbolos maçônicos e os princípios herméticos, que incluem fenômenos espirituais e transformações internas. Os “milagres” são vistos por ele como fenômenos simbólicos e transformadores, que indicam uma relação mais profunda com as forças espirituais e as leis universais.

13. [Jean-Marie Ragon de Bettignies](#) (1781 – 1862)

Jean-Marie Ragon, estudioso maçônico do século XIX, oferece em seu livro “*Origens e Interpretação dos Rituais Maçônicos*” (*De la maçonnerie occulte et de l'initiation hermétique*), uma análise detalhada dos rituais e símbolos maçônicos, vinculando-os à tradição esotérica e ao desenvolvimento espiritual. Para Ragon, os “milagres” são simbolismos de eventos espirituais ou alquímicos, marcando a transformação do ser dentro da jornada iniciática.

14. [René Guénon](#) (1886 – 1951)

Embora não seja estritamente uma obra maçônica, Guénon foi maçom e esoterista influente, cuja obra sobre o esoterismo e o simbolismo é altamente respeitada na Maçonaria. Em suas obras “*O Homem e o Seu Devir Segundo o Vedanta*”, “*O Teosofismo*” e “*Autoridade Espiritual e Poder Temporal*”, Guénon descreve “milagres” como manifestações do poder espiritual superior e da ordem metafísica, não como violações das leis naturais, mas como expressão de uma ordem superior.

15. [Giulio Cesare Andrea "Julius" Evola](#) (1898 – 1974)

Evola, maçom e estudioso do esoterismo, explora no livro “A Tradição Hermética” (*La tradizione ermetica*) a alquimia e a espiritualidade como caminho de transformação interna, interpretando os milagres como simbolismos do desenvolvimento espiritual. Os “milagres” são vistos por ele como transformações internas que ocorrem quando o homem se alinha com as forças espirituais e os princípios cósmicos da Tradição.

16. [José Castellani](#) (1937 – 2004)

Castellani, autor maçônico brasileiro, explora nos seus livros “A Ciência Maçônica e as Civilizações” e “Manual Heráldico do Rito Escocês Antigo e Aceito” as tradições e a filosofia maçônica, destacando a conexão entre o simbolismo e o desenvolvimento espiritual. Ele vê os “milagres” como fenômenos simbólicos de transformação moral e espiritual, alinhados ao trabalho interior promovido pela Maçonaria.

17. [Manly Palmer Hall](#) (1901 – 1990)

Hall, autor maçônico Canadense, explora no seu livro “As Chaves Perdidas da Maçonaria” (*The Lost Keys of Freemasonry*), o simbolismo maçônico e o misticismo, oferecendo *insights* sobre a transformação espiritual dos iniciados. Para Hall, os “milagres” são entendidos como a manifestação da sabedoria espiritual interna e da harmonia com as forças cósmicas do universo.

18. [Robert Lomas](#) (1947 -)

Maçom e escritor inglês, Lomas é um estudioso contemporâneo da Maçonaria que analisa nos seus livros “Máquina de Uriel: As Origens Antigas da Ciência” (*Uriel's Machine: The Ancient Origins of Science*) e “O Segundo Messias: Templários, O Sudário de Turim e o Grande Segredo da Maçonaria” (*The Second Messiah: Templars, The Turin Shroud and the Great Secret of Freemasonry*) os rituais e símbolos maçônicos à luz da ciência e da espiritualidade. Ele aborda “milagres” como interpretações simbólicas de eventos espirituais ou transformações psicológicas que os rituais maçônicos promovem.